

Intersecciones del género y el campesinado: la relaciones sociales en el campo Tocantinense - Brazil

Gleys Ially Ramos dos Santos¹

Resumen

Josimo Tavares (el sacerdote) fue uno de los pioneros de las cuestiones sociales campesinas en la región del Bico do Papagaio y las influencias de la región que hoy comprende el Estado de Tocantins. Después de su asesinato en 1986, su nombre, su carrera se convirtió en emblemático para los/las involucrados/as en los conflictos por la tierra, o eliminados/as de la misma, no tiene más remedio que desafiar a los movimientos sociales y segmentos lucha por la tierra. Por lo tanto, se trata de una propuesta para canjear por discusión geográfica algunas categorías y temas (género, clase, movimientos sociales, campesinos / as), así como el campesinado como una relación social de la representación social del Padre Josimo Tavares que luchar por la tierra en Tocantins.

Palabras Clave: Josimo Tavares, Intersecciones, campesinado, Tocantins.

¹ Geógrafa- PhD em Geografia. Doutora em Geografia. Mestre em Desenvolvimento Regional. Professora Convidada da Universidade Federal do Tocantins (UFT). Pós Doutoranda em Desenvolvimento Regional pela CAPES/UFT. E-mail: gleys-geo@hotmail.com

Intersecciones del género y el campesinado: la relaciones sociales en el campo Tocantinense - Brazil

Introdução

Esse artigo é parte de uma conclusão de estágio de pós doutoramento em Geografia, e tem como objetivo analisar as relações sociais no campo do Estado do Tocantins, a partir das influências e herança da trajetória política pleiteada por Padre Josimo Tavares nas décadas de 70 e 80 na Região do Bico do Papagaio (TO), para trabalhos de base e formação política de movimentos sociais camponeses no estado do Tocantins, dentre esses, um movimento de mulheres do campo.

Josimo Tavares (o padre) foi um dos precursores das questões sociais camponesas na Região do Bico do Papagaio e das influências na região que hoje compreende o Estado do Tocantins. Após seu assassinato em 1986, seu nome, sua trajetória tornaram-se emblemática para aqueles/as que, envolvidos/as nos conflitos de terra, ou excluídos/as da mesma, tem como única alternativa a contestação a partir dos movimentos e segmentos sociais de luta pela terra.

O que fica desses precursores como Padre Josimo, além do exemplo de luta, sem dúvida é uma visão de liberdade de cunho economicista, antropológica e religiosa que prime pela igualdade de direitos, e que leve em conta a paridade entre homem e mulher, entre raças/etnias, o diálogo inter-religioso entre outras reflexões.

A partir da violência no campo, por exemplo, é comum aparecer pessoas que, em nome da justiça ou de uma realidade mais justa, haja com enfrentamento dessas situações. Nomes como de Padre Josimo Tavares, Dom Pedro Casaldáliga, Dom Tomás Balduino, que estão ligados às questões da terra e as missões da Igreja. São considerados grandes homens. Homens!

No entanto, essa luta pela terra, dos conflitos em torno da questão agrária e fundiária é muito mais eloquente (do ponto de vista prático), quando nos deparamos com essas lutas organizadas e, ou auxiliadas por mulheres que, via de contramão não aparecem nas narrações e bibliografias sobre os conflitos. Nem mesmo a figura do camponês na literatura científica (que amarga um processo de exclusão), não compartilha lugares de gênero ou de mulheres na luta pela terra.

No Estado do Tocantins, sobretudo na Região do Bico do Papagaio, a partir de pesquisas realizadas no âmbito da Geografia Agrária e dos estudos e análises de gênero, observou-se que a realidade supracitada no parágrafo anterior, possui uma materialização

diferente no que diz respeito à luta pela terra. As mulheres camponesas possuem uma força política importante para a questão agrária local, os movimentos sociais articulados pela Via Campesina estão tomando dimensão dos conflitos e isso tem ocorrido cada vez mais, através de articulações de mulheres camponesas.

Embora as trajetórias de outras mulheres camponesas sejam referenciadas para encorajar a luta pela terra através dessas mulheres – tais como as de Margarida Alves, Maria do Fetal, Dona Raimunda Quebradeira de Coco – os movimentos sociais, as articulações locais, têm grande influência a partir dos trabalhos de base realizados por Padre Josimo, bem como das pessoas que lutaram junto a ele (grande parte mulheres).

É a partir dos trabalhos de base, da luta e da morte emblemática de Padre Josimo que os movimentos sociais no Tocantins organizam (e intensificam) suas lutas contra o latifúndio e as políticas que auxiliam os grandes empresários rurais. Isto é, mesmo os movimentos sociais cuja territorialização é de escala nacional, ao configurarem suas lutas no Tocantins, tem como ponto de partida para o trabalho de base, as lutas e referências de padre Josimo Tavares.

Portanto, essa é uma proposta que visa resgatar para a discussão geográfica algumas categorias e sujeitos (gênero, classe, movimentos sociais, camponeses/as), bem como o campesinato como relação social a partir da representação social de Padre Josimo Tavares para luta pela terra no Tocantins, para os movimentos sociais e, sobretudo, para os movimentos sociais articulados e organizados pelas mulheres camponesas.

Queremos, portanto, entender para além da sua memória. Pois enquanto militante e ativista, tem forte influência nos movimentos sociais no campo, mas sob a forma de homem, tem forte presença no imaginário da população da Região do Bico do Papagaio e se faz presente, inclusive, como parte do trabalho de base na articulação e organização de um movimento de mulheres camponesas no Tocantins.

Ou seja, como um homem pode influenciar em causas femininas? Como Josimo Tavares aproxima-se de um movimento de mulheres camponesas no Tocantins? Isso certamente nos oferece um interessante aporte de gênero, uma vez que, as referências para as lutas femininas são, predominantemente femininas, mas Padre Josimo rompe com essa preponderância e por isso, torna-se importante saber como esses movimentos e essas mulheres concebem o padre, o militante e a memória de Josimo Tavares.

A partir desse estudo, tem-se a perspectivas também, de resgatar nomes de mulheres que atuaram e atuam na questão agrária no Tocantins. Padre Josimo também era conhecido por andar em companhia de mulheres na militância, uma vez que, diante dos conflitos, as

mulheres eram/são alvos vulneráveis a violência e as “pistolagens” comuns nos conflitos de terras no Bico do Papagaio (TO).

2. Procedimentos metodológicos

Essa é uma análise de cunho qualitativo. A questão central é analisar a trajetória política de Padre Josimo Tavares enquanto militante/ativista das questões sociais camponesas na Região do Bico do Papagaio e quais as contribuições deixadas após sua violenta morte.

Os objetivos específicos nos auxiliaram bastante no desenvolver da pesquisa, uma vez que, em suas particularidades, acabou por responder questões essenciais a pesquisa. Tais objetivos eram: Investigar outras atuações políticas de Padre Josimo, além da luta pela terra, no contexto da Amazônia; Elencar quais sujeitos (de classe e de gênero) – junto a Padre Josimo – contribuíram para as articulações atuais de um movimento de mulheres camponesas no Tocantins; Compreender como os segmentos sociais, sobretudo, os movimentos sociais no Tocantins resignificam a morte de Padre Josimo para a luta pela terra, e utilizam seu trabalho de base como formação política no interior das articulações.

Partimos de uma revisão teórica. Aqui propomos uma reavaliação do que será discutido, de forma que possamos não confrontar, mas buscar elos de comunicação entre essas categorias (gênero, classe, movimentos sociais) e entre os sujeitos (camponesas/es, militantes).

O trabalho de campo deu início à segunda fase da pesquisa e teve como objetivo, a princípio, o reconhecimento do espaço de pesquisa, do encontro com os pesquisados/as, assim como, da realidade e contexto apreendidos.

Para prosseguir os procedimentos metodológicos, utilizamos as entrevistas para obter a densidade da trajetória pessoal e política de Josimo, buscando aproximar das pessoas e fatos que os conheceram e conceberam. Nesse ínterim, utilizamos relatos de sua principal companheira, na época missionária – Lurdinha, e de Dona Raimunda Quebradeira de Coco, duas mulheres contemporâneas e militantes das causas elencadas por Josimo como injustiças sociais na Região do Bico do Papagaio. Também utilizamos entrevistas nos movimentos sociais, sobretudo, perante os que hoje são responsáveis pelas articulações, organização, formação política e trabalho de base no Tocantins.

Acompanhamos as articulações, ações e mobilidades desses movimentos a fim de apreender como são postas em prática as formações. Nessas atividades utilizamos a técnica de filmagem de imagem e som (autorizadas), para que pudéssemos perder o mínimo possível de informações. Nessa parte salientamos que mais do que uso do recurso audiovisual, é

importante que o pesquisador tenha “tato” ou sensibilidade para captar ou mesmo compreender aquilo que está diante e adiante de suas perspectivas.

Utilizamos o método de dialético para entender como as relações sociais no campo se estabeleceram e se tornaram geradoras de conflitos violentos. Esse método foi complementado com análises sob a perspectiva interseccional, visando analisar as articulações de um movimento de mulheres do campo, uma vez que, por se tratar de uma organização, analisaremos mais precisamente o mundo das ideias, do individual e do privado, dada ainda, a marginalidade das questões de gênero nos movimentos sociais camponeses.

Nessa perspectiva interseccional, as categorias gênero (mulheres), classe (camponesas e sem terras) e raça/etnia (maioria negras) trazem na interseccionalidade algumas indagações pertinentes as condições em que se encontram as camponesas tocantinenses nas discussões por terras, essas pleiteadas pelos movimentos sociais.

De encontro a essa análise, tem-se Padre Josimo (homem, negro, religioso, pobre), que influencia as formações políticas de homens e mulheres dentro dos movimentos sociais no Tocantins, indo além, influenciando movimentos autônomos de mulheres, independente de sua “condição de gênero”, que socialmente, atrela as condições dessas mulheres na sociedade e também nos movimentos sociais.

3. Diálogos entre as categorias e a geografia

Para análise e elaboração desse trabalho, fizemos uma intersecção de categorias, isto é, as relacionamos para entender a realidade a ser compreendida. As categorias presentes serão (principalmente) gênero, classe, movimentos sociais e o campesinato, compreendido aqui como relação social no campo.

Mas, antes mesmo de reconhecer essa pluralidade e compreender as trajetórias e as inter-relações, precisamos refletir sobre as relações que são estabelecidas, relações essas que emanam poder. A máxima, “onde há poder, haverá resistência” define bem as relações sociais na Região do Bico do Papagaio.

Apontamos uma intersecção entre classe e gênero na construção dos sujeitos sociais que compõem a luta diária pela terra. A classe que detém os meios e modos de produção com plena predominância masculina é interseccional, exatamente por discriminar e excluir as pessoas que, não sendo socialmente masculinas, não tem visibilidade, reconhecimento e espaços e não podem participar dos lugares de decisão da mesma forma como os homens.

A categoria gênero como categoria analítica é um conceito social, isto é, o produto das relações sociais. Mas aquilo que significa ser homem ou ser mulher varia ao longo do tempo e

do espaço, pelo que se tornou muito mais importante averiguar os modos como masculinidades e feminilidades são construídas tendo em conta o sujeito individual, ao invés de perspectivar a categoria de gênero como um conjunto de papéis nos quais as pessoas são socializadas (BRANCO, 2008 p. 28).

Para McDoweel (2000, p. 44), portanto, o significado de ser homem ou ser mulher depende de um contexto, que é oferecido pelo espaço, e é relacional e variado, embora esteja submetido às leis e regulações de cada época, que estabelecem o que pode ser permitido e o que pode ser um ato transgressor.

Tais conflitos no campo revelam que apesar de serem homogeneizados pelos movimentos sociais, mulheres, homens e jovens são sujeitos com construções próprias, ainda que os ideais sejam parecidos, as trajetórias advêm de diferentes relações com o espaço, diferenciadas aí pela classe, pelas origens étnico-raciais, pela cor, pelo sexo e pelo gênero.

Saffioti (2002, p.10) ressalta que, nas sociedades do presente, a categoria ontológica gênero emparelha-se com outras de igual importância e, entre essas, destaca o constructo classe social, sendo essa uma categoria chave para entender o funcionamento de uma sociedade capitalista como a nossa e, via imprescindível para a crítica e, quiçá, superação desse modelo excludente.

Para Santos (2013), a composição social dos lugares da luta pela terra, também tem relação interseccional étnica-racial. As espacialidades revelam que a pobreza tem lugar e cor predefinidos. No urbano (em geral), aos negros os espaços destinados são as “periferias”, cortiços, “favelas” (comunidades), os lugares são esquecidos e estereotipados (além da composição social das cadeias e presídios). No campo,

a herança de um país de latifúndios, fez do escravo alforriado, um herdeiro do trabalho explorado, quando possessor ou pequeno camponês, a submissão aos ditames de coronéis, latifundiários e capitalistas rurais, não restando outra saída senão vender sua força de trabalho, tornando-se refém da mão de obra barata e explorada ou, assumindo sua condição de sem terra (SANTOS, 2013, p. 67).

Nas análises das questões do campo é preciso entender que há relações sociais envolvendo diversas categorias de análises. Cada uma dessas categorias foi de certa forma, pensada isoladamente pelos estudiosos, porém o exercício aqui é de pensá-las articuladas, entendendo como pessoas marcadas por mais de uma dessas variáveis experienciam processos pessoais de forma diferente e desigual.

Desse modo, ao adotarmos a intersecção de Gênero e de classe nas relações sociais no campo, não se pode abrir mão do seu sentido político – expresso pela luta de classes. Muito embora venhamos abordar a classe não sob a tutela da luta e da crise, mas dos conflitos e da

subalternidade. Para isso adotamos como principal discussão, as concepções de classe subalternas desenvolvidas por José de Souza Martins.

Não estamos desconsiderando a dimensão social de classe, tampouco, é nossa intenção deixar de evidenciar a expressa compreensão de que as relações de classe não apenas estruturam as diferentes condições de existência dos indivíduos e grupos sociais, mas também os valores e os comportamentos dos sujeitos sociais (COSTA, 2000).

Portanto, ao primarmos em nossas análises as categorias gênero e classe, queremos trazer para o debate o papel fundamental das camponesas da Região do Bico do Papagaio. Mulheres (gênero) que ressaltam sua identidade camponesa (classe) para travar uma luta contra os diversos tipos de opressões e conflitos inerentes as suas condições enquanto mulheres, enquanto camponesas.

É a partir da intersecção de categorias gênero, classe e etnia-raça que trouxemos a figura de Padre Josimo, visando apresentar alguns paradigmas dessas categorias, uma vez que, ao pensarmos gênero, é lugar comum lançar nossas análises sobre as mulheres, e ao pensarmos líderes e até mesmo o papel desempenhando por párocos, imaginamos o padrão social (homem, branco, classe média, heterossexual, entre outros atributos).

A figura de Padre Josimo Tavares rompe com esse padrão. “Pensa-se a partir de um conceito universal de homem, que remete ao branco/heterossexual/civilizado/do Primeiro Mundo, deixando-se de lado todos aqueles que escapam deste modelo de referência” (RAGO, 1998, p. 04).

Assim, as contestações dessa ordem social estabelecida, ou desses espaços de conflitos, são também, categorias que estabelecem intersecções com as relações de gênero. Não por outro motivo, os movimentos sociais que já consolidavam novas forças políticas em várias partes do mundo (estabelecendo aí uma intersecção com o espaço), buscam transformar os lugares e também os pensamentos.

É por isso que o pensamento conservador, isto é, aquele que conserva a ordem social, chama os movimentos sociais de desordeiros, procurando assimilar a contestação da ordem que querem manter (da sua ordem) à desordem. Frequentemente chama-se de baderneiros aqueles que se movimentam buscando outras relações dos homens e mulheres entre si por meio das coisas (PORTO-GONÇALVES, 2003).

Os movimentos trazem à tona, além da dinâmica social, a dinâmica do espaço quase sempre carregadas de conflitos econômicos, culturais, étnico-raciais, ambientais e procuram visibilidade para suas reivindicações num cenário onde as grandes forças de produção preponderam, assim como seus interesses. É nessa busca, nessa procura, que encontramos as

bases de uma geograficidade dos movimentos sociais, inscrita pela sociedade que busca no espaço, muito além do que o chão para seus pés.

Para Martins (1997), a importância da Geografia nos estudos sobre movimentos sociais está em compreender o aparente paradoxo entre a intensificação do processo de globalização que ocorre, ao mesmo tempo em que o desenvolvimento dos movimentos aumenta no Brasil. Isso nos remete as análises de Gohn ao tentar definir movimentos sociais sob uma perspectiva sociológica e próxima de uma geográfica.

Segundo a autora, movimentos sociais são ações sociopolíticas construídas por atores sociais coletivos pertencentes a diferentes classes e camadas sociais, articuladas em certos cenários de conjuntura socioeconômica e política de um país, criando o campo político de força social na sociedade civil. As ações se estruturam a partir de repertórios criados sobre problemas em conflitos, litígios e disputas vivenciadas pelo grupo na sociedade. As ações desenvolvem um processo social e político-cultural que cria uma identidade coletiva para o movimento, a partir dos interesses em comum (GOHN, 2002).

Nesse sentido, compreender os movimentos sociais além de suas formas de organizações, através dos processos que desenvolvem, dos espaços que constroem e dos territórios que dominam e organizam, é entender a geograficidade dos mesmos. Desse modo, o desafio é constituir elementos desses processos que sirvam como referência para uma teoria geográfica dos movimentos sociais (FERNANDES, 2000, p. 59).

Essa teoria só pode ser construída à medida que, os movimentos sociais espacializam suas reivindicações e territorializam suas lutas. É no encontro do espaço com a sociedade que se constroem o emaranhado de ações, entre elas os conflitos, fazendo com que os movimentos sociais surjam, tendo os conflitos uma conotação e a possibilidade de serem solucionados ou de, ao menos, serem percebidos.

Acreditamos que é isso que vem ocorrendo no campo tocantinense, sobretudo, na Região do Bico do Papagaio, a partir dos movimentos sociais, mas também a partir de ações mais “subalternas” como as escolas que recebem nome de padre, como as quermesses em homenagem e memória dos mortos pelos conflitos e pelas violências.

3. A guisa de uma síntese...

Uma das maiores representações da luta pela terra “no Bico” sem dúvida foi o líder da Igreja Católica na região, Padre Josimo Tavares, assassinado em 1986 por fazendeiros que se aliaram para reter as reivindicações dos sem-terra, organizadas, principalmente, pela CPT (Comissão da Pastoral da Terra). E a partir de sua morte, tornou-se um dos maiores

referenciais da luta pela terra no Tocantins e no Brasil, sendo homenageado em vários segmentos da luta pela terra – MST, MAB, em quermesses organizadas pelas mulheres católicas, e atualmente, pelas mulheres que articulam o Movimento de Mulheres Camponesas no Tocantins.

Considerado o padre dos pobres e o padre do povo, morreu, mas deixou uma herança incontestável para a luta pela terra, não só do ponto de vista da formação política, mas, sobretudo, pela humanidade, pela aproximação, por sua origem, por se assumir negro, pobre, cristão e por andar não só com os excluídos sob o viés econômico – os pobres – mas por entender os sertanejos, os migrantes e as mulheres de sua região. E através dessa sensibilidade, tornou-se um ícone para camponeses e camponesas, não só os/as sem terras, mas os/as desprovidos/as de direitos básicos como os negros, os indígenas, os migrantes e as mulheres.

A violência na região culminou com o assassinato de Padre Josimo, que atuava junto aos sem terra, posseiros/as e assentados/as da região organizando-os para se defenderem em relação aos interesses dos grandes proprietários e à atuação do Estado, em seus diversos níveis. Sua morte teve grande repercussão na região, nacional e internacionalmente.

Logo, é a partir dessa relação intimamente estabelecida com os camponeses e camponesas, de alavancar causas até então esquecidas socialmente, da aproximação com os pobres, de assumir a identidade como negro, por se sensibilizar com as causas dos indígenas (constantemente atacados e mortos) e das mulheres (vítimas de violências diversas, em casa, nas lavouras, babaçuais, na sociedade em geral) é que justifica o perfil do militante dentro dos diversos movimentos sociais no Tocantins.

Por todos esses referenciais, Padre Josimo tornou-se um importante ícone da questão agrária na Região Norte e no Estado do Tocantins e é constantemente homenageado nos segmentos de lutas. São acampamentos, assentamentos, projetos sociais, escolas que recebem seu nome, buscando trazer a memória desse importante militante das causas sociais.

Assim sendo, o histórico da vida de Josimo Tavares e do Padre Josimo elucidada, alguns fatos de sua vida pessoal (migração) que culminaram para a vida militante (Igreja, CPT, Movimentos sociais, partidos políticos).

Padre Josimo era um indivíduo em quase tudo semelhante ao conjunto de indivíduos constituintes da realidade posseira no Araguaia-Tocantins. Ele foi um filho da migração. O posseiro quase sempre é um migrante cujo móbil é a terra para o trabalho permanente. A terra, a expulsão da terra, a migração, a terra novamente e a nova expulsão, essa é a realidade que além de produzir violência física, repercute, também de forma violenta, na configuração, esfacelada das famílias impactadas por esse processo desestruturante.

O “padre preto de sandálias surradas” é um símbolo de resistência contra a opressão. Foi, contudo, tantas vezes humilhado e tratado com desprezo pelos latifundiários e seus aliados. Riam de sua cor e Josimo assumia a negritude com alegria e orgulho. Não tinha vergonha ou escrúpulos em função da origem racial.

Tampouco se via diminuído por andar com as mulheres (religiosas e camponesas), a quem tinha zelo pela coragem de serem atuantes, mães e mulheres numa região que sequer respeitavam os homens por causa da sua condição social. Foi assim que Josimo se viu incluindo em outra dimensão social dessa mesma realidade, a das mulheres abandonadas e dos filhos órfãos (de pais assassinados) cuja vida tornou-se quase insuportável. Josimo animou as já quebradeiras de coco babaçu a se organizarem para que a atividade gerasse algum bônus, além do sofrimento.

As mulheres foram, de certo modo, pioneiras na elaboração de formas de resistências, tendo o Movimento das Mulheres Quebradeira de Coco Babaçu esse caráter. Mas houve mulheres sem movimentos, sem representações, além do trabalho pastoral de Josimo, as agentes da CPT Lourdes Lúcia Góí (Lurdinha), “Bia” e “Madá” e muitas outras mulheres, companheiras engajadas de Josimo, quando o clero, que deveria representar essa companhia solidária, lhes fechavam os caminhos negando-lhe apoio. As mulheres do Bico do Papagaio foram companhia solidária para o homem Josimo (padre), sempre acossado por seus inimigos externos e por seus críticos internos.

Nesse sentido, as articulações do movimento de mulheres do campo no Tocantins podem exercer um função fundamental para a pesquisa, já constitui um grupo/categoria que ainda não foi “em suma” desvendado do ponto de vista da pesquisa.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRANCO, Patrícia. **Do Gênero à Interseccionalidade:** Considerações sobre mulheres, hoje e em contexto europeu. Centro de Estudos Sociais (Laboratório Associado), Universidade de Coimbra – Portugal, 2008.

COSTA, Cássio. **Movimentos sociais:** surgimentos. In: ANPUR, Brasília – DF, 2006.

FERNANDES, Bernardo Mançano. **A Formação do MST no Brasil.** São Paulo: Vozes, 2000.

FIGUEIREDO, Carlos V. S. **Estudos Subalternos:** Uma Introdução. Raído, Dourados, MS, v. 4, n. 7, p. 83-92, jan./jun, 2011.

GOHN, Maria da Glória. **Teoria dos Movimentos Sociais:** paradigmas clássicos e contemporâneos. 3ª ed. São Paulo: Loyola, 2002.

MARTINS, José de Souza. **Caminhada no Chão da Noite.** A Emancipação Política e Libertação nos Movimentos Sociais do Campo, São Paulo, 1989.

MCDOWELL, Linda. **Gênero, identidad y lugar:** un estudio de las geografías feministas. Valencia: Cátedra, 2000.

PORTO- GONÇALVES, C.W. P. **A Geograficidade do Social.** In: SEOANE, José (Org.) Movimientos sociales y conflicto en América Latina. Buenos Aires: CLACSO, 2003.

RAGO, Margareth. **Descobrimos historicamente o gênero.** Cadernos Pagu, n. 11, Campinas – SP, 1998.

SADER, Regina. **Espaço e luta no Bico do Papagaio.** Tese de doutorado. Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo, 1987.

SAFFIOTI, H. I.: **No caminho de um novo paradigma.** Araraquara: Centro de Referência da Mulher Profa. H. Saffioti. Prefeitura Municipal de Araraquara, 2002.

SANTOS, Gleys I Ramos. **Mulheres em movimento:** Os limites do espaço e do gênero em face do movimento de mulheres trabalhadoras rurais. Tese de Doutorado: IESA/UFG, Goiânia – GO, 2013.

SILVA, Moisés Pereira . **Josimo, sua produção poética e o seu engajamento:** considerações sobre um intelectual da terra. In: XXV Simpósio Nacional de História: História e Ética, 2009, Fortaleza - CE. Temas & Matizes (Online), Vol. I, 2009.